

“Só Para Homens”

TEMPOS atrás fui a São Paulo e me hospedei no Hotel Samambaia. Certa manhã estava na janela de meu apartamento quando notei que, no terraço de um prédio próximo, alguém afastava a cortina, depois abria a porta que dava para um jardimzinho — e jogava miolo de pão aos pássaros. Impressionou-me a elegância do homem em seu **robe-de-chambre**, mas logo sorri ao reconhecê-lo: era Marcelino de Carvalho. Sôzinho, pela manhã, em casa, éle se vestia com o maior apuro.

É certamente pela autoridade de quem pratica a boa mesa e a boa convivência que Marcelino tem tanto êxito com seus livros de boas maneiras. Apareceu agora mais um — «Só para Homens» —, em que eu, sujeito estabanado e já uma vez eleito um dos dez menos elegantes do Rio, aprendi muita coisa que certamente não aplicarei. Éle dá, por exemplo, uma lista mínima de roupas que um cavalheiro precisa ter, e neste ponto acho que o autor pensou apenas em São Paulo: para o Rio alguns fatos que éle aconselha são demasiado quentes.

Encontro aqui um axioma do duque de Morny: «Não devemos deixar aos imbecis nem o direito de vestir melhor do que nós». E entre muitas outras, esta observação sôbre um mau hábito que alguns conhecidos meus têm, e sempre me irrita:

«Se desejar falar pelo telefone com alguém mais categorizado, o homem pede — éle mesmo — a ligação. É mais cordial e correto, porque a pessoa pedida pode estar ao aparelho do outro lado da linha. Mas se fôr a secretária ou o empregado a pedir a ligação, o homem deve estar bem próximo do fone e entrar na linha, sem fazer a pessoa pedida esperar algum tempo. É falta de atenção e deve ser afastado esse mau hábito».

O livro é cheio de coisas assim. Coisas que não resolvem nenhum problema grave, mas afinal de contas são úteis porque tendem a tornar a vida cotidiana mais suportável...

DN - 22. 10. 67